

A

ES

CRÄ

VÄ

ISAU

RÄ

A ES
CRÃ
VVA
ISAU
RA

bernardo
guimarães

textos
informativos:
fátima
mesquita



© Panda Books

| | | |
|---|--|---|
| Direção editorial <i>Marcelo Duarte</i> <i>Patth Pachas</i> <i>Tatiana Fulas</i> | Projeto gráfico e capa <i>Casa Rex</i> | Fotos <i>P. 26: © Alastair Rae/CC BY-SA 2.0;</i> <i>p. 86: © Firm of Castellani/The</i> <i>Metropolitan Museum of Art/domínio</i> <i>público; p. 103: © Bibi Saint-Pol/</i> <i>Staatliche Antikensammlungen/</i> <i>domínio público; p. 112: © Marc</i> <i>Ferrez/Acervo Instituto Moreira</i> <i>Salles/domínio público; p. 144:</i> <i>© Louis-Jean Delton/Philadelphia</i> <i>Museum of Art/domínio público;</i> <i>p. 179: © Instituto Últimos Refúgios/</i> <i>CC BY-SA 4.0.</i> |
| Coordenação editorial <i>Vanessa Sayuri Sawada</i> | Diagramação <i>Victor Borges Malta</i> | |
| Assistentes editoriais <i>Henrique Torres</i> <i>Lais Cerullo</i> <i>Guilherme Vasconcelos</i> | Notas <i>Fátima Mesquita</i> | |
| | Estabelecimento de texto <i>Ronald Polito</i> | |
| | Edição das notas <i>Mayara Freitas</i> | |
| | Revisão <i>Mayara Freitas</i> <i>Joaci Pereira Furtado</i> | Impressão <i>Loyola</i> |

Este livro foi estabelecido com base na primeira edição, de 1875, publicada por B. L. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, e na primeira edição do Grupo Autêntica, Belo Horizonte, 2018.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G976e

Guimarães, Bernardo, 1825-1884

A escrava Isaura / Bernardo Guimarães; textos informativos Fátima Mesquita. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2023. 208 p.; 23 cm.

ISBN 978-65-5697-271-8

1. Ficção brasileira. I. Mesquita, Fátima. II. Título.

23-82506

CDD: 869.3

CDU: 82-3(81)

Biblioteca: Meri Gleice Rodrigues de Souza – CRB-7/6439



2023

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim “clássico” mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que “clássico” eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra “clássico”. A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: “Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva”.

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um “clássico” já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais “clássicos da literatura brasileira” eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

SE VIRANDO NOS TRINTA

Bernardo Guimarães com certeza jamais imaginou que seus escritos iam correr o mundo e fazer sucesso em terras tão distantes e distintas como a China. Mas foi exatinho isso que aconteceu com esse mineirim de Ouro Preto, filho de uma família dada às letras e que nasceu em 1825, morrendo 58 anos depois lá na mesma cidade.

Na batalha do pão dele de cada dia, Bernardo fez de tudo e mais um troco depois de se formar em direito em São Paulo – foi juiz, crítico literário, poeta, escreveu romances e peças de teatro,

deu aula de latim, de francês... Enfim, o cara se virou nos trinta e ainda morou em vários cantos do país e da própria província de Minas Gerais.

DOIDIÇAS E SAFADEZAS

Dos tempos da facul, a lembrança que deixou nos colegas foi a de ser praticamente um farrista profissional que aprontou pra caracas e mais além. Era fonzão do poeta inglês Lord Byron, um sujeito com talento pras letras, mas também cheio de doideira nível super, tipo usar caveira pra beber vinho. E aí, inspirado pela moda do byronismo, ele e mais dois colegas, o Álvares de Azevedo e o Aureliano Lessa, chegaram a montar um troço batizado de Sociedade Epicureia.

Não existe nenhum documento que revele exatinho o que essa sociedade dedicada a Epicuro (filósofo grego que defendia a busca pelo prazer) fazia, mas o que dizem é que o trio alugou uma casa em 1849 na rua da Glória, em Sampa City, e lá rolavam uns eventos, festas e leituras que tinham um clima de terror, uma pegada gótica, que assustava a vizinhança.

E nessa toada de juntar farra com rima, Bernardo começou a escrever uns poeminhas meio safados, de malandragem e gozação, com uma levada bem crítica. Vem daí a publicação de trabalhos que deixariam qualquer leitor da comportada saga de Isaura de boca aberta, como *A orgia dos duendes*, *Elixir do pajé* e *A origem do menstruo*.

FAMILIAGE, SUCESSO E CRÍTICA

Talvez por ter se dedicado com afinco à arte da gandaia, Bernardo tenha se casado bem mais tarde, aos 42 anos. Mesmo assim, o cabra teve tempo ainda de botar no mundo nada menos que oito rebentinhos. Muitos deles, aliás, seguiram um pouco os rumos do papis, publicando escritos aqui e ali, mas sem o baita sucesso que Bernardo teve com a escrivinhação dele.

Sim, porque os romances do Bernardo Joaquim da Silva Guimarães não foram muito queridinhos da crítica, mas sempre venderam tipo pão quentinho. O público gostava (e gosta ainda) daquela escrita que era descomplicada pra época, que sempre

exibia um enredo simplão, com um vilão bem sangue ruim e um herói que parecia um bombom de cereja de tão gente boa, do-cinho e certinho que era, e que continha ainda no recheio uma pitada de sabor bem Brasil, com paisagens e temas mais nossos.

Com esse toque brazuquinha, dizem que Bernardo ajudou a consolidar a parada dos romances regionalistas, começando com *O ermitão de Muquem*. Era uma coisa de colocar o Brasil e sua gente no papel, com menos Paris e mais do nosso matão mesmo. Só que muitos acusam o cara de ter ficado só na superficialidade, pintando um quadro exageradamente bonito... tipo, qualquer matinho parecia mais um jardim lindão, saca?

CHEGANDO ATRASADO...

Tem também quem aponte que o maior acerto do autor sempre foi a escolha de temas quentes. Em *O seminarista* era a coisa do celibato, uma crítica sobre padres, frades e freiras não poderem fazer o rala e rola. Em *A escrava Isaura*, era a escravidão, uma defesa do abolicionismo, mas meio atrasado, viu? Porque quando o livro saiu, boa parte da sociedade brasileira já estava batendo palma total pro fim dessa aberração que é escravizar pessoas. E isso leva a gente a falar um pouco mais sobre essa protagonista branquela aqui.

Talvez pra época a personagem precisasse mesmo ser branca para poder ser aceita numa sociedade tão preconceituosa. Mas, meus saís! Como arde ler as descrições que o Bernardo faz dos negros, de qualquer um que não é branco ou que não passe por branco!!!! Sério, gente, tem hora que é preciso parar e respirar fundo para não ter um ataque, em especial quando a gente pensa que essas ideias, tão antigas, tão tortas, ainda estão grudadas na cabeça de muitos brasileiros, né?

A ISAURA MUNDIAL

Isaura é filha de uma negra escravizada e de um português branco. Ela saiu mais puxada pra cor de pele do pai, mas pela lei brasileira de então era tão escrava quanto a mãe.

A mãe morreu por conta das maldades do senhor dela e da esposa dele. Se sentindo mal com o trelelê todo, ele acabou

criando Isaura num meio termo: dava a ela uma dose de luxo, de educação e tal, mas deixava a menina ainda como criada e propriedade da família.

Isaura cresceu e era uma coisa tão linda demais que praticamente nenhum personagem masculino do livro dá conta de não ficar doido por ela. Mas, por causa de sua situação de escravizada, o pessoal não tinha muito respeito e assediava a criatura o tempo todo. Um dos que está doidão por ela é Leônicio, filho dos donos da fazenda. A mãe dele morre, o pai morre, e Leô vira o poderoso do lugar. Ele, apesar de casado, fica o romance inteiro atormentando a Isaura, querendo ter um caso com ela.

Essa trama aí fez sucesso já quando saiu, em 1875. Mas foi mesmo 101 anos depois, quando a rede Globo pegou aquilo e fez uma novela, exportando o produto para vários e vários países, que a Isaura virou um fenômeno mundial. Em 2004, teve ainda *remake* na rede Record, e existem também uns filmes baseados nesse livro do Bernardo Guimarães. Com certeza, nem em seus momentos mais sonhadores ele poderia ter imaginado ver sua Isaura falando russo, espanhol, chinês, polonês e o escambau, né, não?

Então é isso: bora visitar o Brasil de tempos atrás e ver como ele ainda vive aqui nos nossos dias, nos nossos preconceitos, na nossa estrutura social; ver como ficou tudo grudado no fundo da cabeça da gente. E vem de boa porque fizemos tudo pra **facilitar** seu passeio pelo texto, mettendo nos cantos das páginas o significado das palavras mais cabeludas, sugestões de futeque na internet, comentários curiosos, dicas de vídeos e até fotinhas ou ilustrações esclarecedoras. Tá tudo aqui de mão beijada. Se joga!

f Fotos para contextualizar a cena.

g Sugestões de pesquisa na internet.

E Comentários curtos e curiosidades.

YouTube Dicas de vídeos para assistir on-line.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

SUMÁRIO

| | |
|-------|-----|
| I | 11 |
| II | 18 |
| III | 27 |
| IV | 36 |
| V | 39 |
| VI | 48 |
| VII | 57 |
| VIII | 69 |
| IX | 77 |
| X | 86 |
| XI | 95 |
| XII | 106 |
| XIII | 116 |
| XIV | 125 |
| XV | 136 |
| XVI | 146 |
| XVII | 155 |
| XVIII | 160 |
| XIX | 169 |
| XX | 178 |
| XXI | 187 |
| XXII | 194 |

I

D. Pedro II herdou o trono em 1831, ainda criança, pois o pai, d. Pedro I, teve que voltar de repente para Portugal. Ficou no cargo por 48 anos, até perder o posto por um golpe de Estado, em 15 de novembro de 1889, que acabou com a monarquia no Brasil e instaurou a República.

Já o Campo de Goitacases era localizado no litoral norte do Rio de Janeiro. Era a terra dos índios goitacás, exterminados pelos colonizadores, que os contaminaram de propósito com varíola! Foi fundado em 1835, sendo, à época, uma área dedicada principalmente à criação de gado e à plantação de cana-de-açúcar.

Era nos primeiros anos do reinado do sr. **d. Pedro II.**

No fértil e opulento município de **Campos de Goitacases**, à margem do **Paraíba**, a pouca distância da vila de Campos, havia uma linda e magnífica fazenda.

Era um edifício de harmoniosas proporções, vasto e luxuoso, situado em aprazível **vargedo** ao **sopé** de elevadas colinas cobertas de mata em parte devastada pelo machado do lavrador. Longe em derredor a natureza ostentava-se ainda em toda a sua primitiva e selvática rudeza; mas por perto, em torno da deliciosa vivenda, a mão do homem tinha convertido a bronca selva, que cobria o solo, em jardins e pomares deleitosos, em viçosos gramais e **pingues** pastagens, sombreadas aqui e acolá por gameleiras gigantescas, perobas, cedros e copaíbas, que atestavam o vigor da antiga floresta. Quase não se via aí muro, cerca, nem **valado**; jardim, horta, pomar, pastagens e plantios circunvizinhos eram divididos por viçosas e verdejantes sebes de bambus, piteiras, espinheiros e gravatás, que davam ao todo o aspecto do mais aprazível e delicioso **vergel**.

g É o rio Paraíba do Sul, que nasce no interior de São Paulo e atravessa o Rio de Janeiro, desviando um tiquinho em Minas.

t Vargedo é uma grande várzea, uma área plana e boa para plantar.

Sopé: base de um morro.

Pingue: fértil, produtivo.

t Valado é uma vala feita para proteger e delimitar uma propriedade.

Vergel: pomar.

Cantaria: pedra trabalhada.

E Traduzindo: rolos de espuma de cores que variavam (cambiantes) enfeitados (orlados) de fios (fevras) de ouro.

Viração: brisa, vento suave.

E Ou seja, aromas (eflúvios) revigorantes (balsâmicos).

Balsedo: bosque, arvoredado espesso.

Preludiar: anunciar, prenunciar.

E Vespertino se refere ao período da tarde.

Divisar: distinguir, perceber.

E O arpejo é um acorde cujas notas são executadas em uma rápida sequência.

A casa apresentava a frente às colinas. Entrava-se nela por um lindo alpendre todo enredado de flores trepadeiras, ao qual subia-se por uma escada de **cantaria** de seis a sete degraus. Os fundos eram ocupados por outros edifícios acessórios, senzalas, pátios, currais e celeiros, por trás dos quais se estendia o jardim, a horta e um imenso pomar, que ia perder-se na barranca do grande rio.

Era por uma linda e calmosa tarde de outubro. O sol não era ainda posto, e parecia boiar no horizonte suspenso sobre rolos de espuma de cores **cambiantes orlados de fevras** de ouro. A **viração** saturada de **balsâmicos eflúvios** se espreguiçava ao longo das ribanceiras acordando apenas frouxos rumores pela copa dos arvoredos, e fazendo farfalhar de leve o tope dos coqueiros, que miravam-se garbosos nas lúcidas e tranquilas águas da ribeira.

Corria um belo tempo; a vegetação reanimada por moderadas chuvas ostentava-se fresca, viçosa e luxuriante; a água do rio ainda não turvada pelas grandes enchentes, rolando com majestosa lentidão, refletia em toda a pureza os esplêndidos coloridos do horizonte, e o nítido verdor das selvosas ribanceiras. As aves, dando repouso às asas fatigadas do contínuo voejar pelos pomares, prados e **balsedos** vizinhos, começavam a **preludiar** seus cantos **vespertinos**.

O clarão do sol poente por tal sorte abraseava as vidraças do edifício, que esse parecia estar sendo devorado pelas chamas de um incêndio interior. Entretanto, quer no interior, quer em derredor, reinava fundo silêncio e perfeita tranquilidade. Bois truculentos e médias novilhas deitadas pelo gramal ruminavam tranquilamente à sombra de altos troncos. As aves domésticas grazinavam em torno da casa, balavam as ovelhas e mugiam algumas vacas, que vinham por si mesmas procurando os currais; mas não se ouvia, nem se **divisava** voz nem figura humana. Parecia que ali não se achava morador algum. Somente as vidraças arregaçadas de um grande salão da frente e os batentes da porta da entrada abertos de par em par denunciavam que nem todos os habitantes daquela suntuosa propriedade se achavam ausentes.

A favor desse quase silêncio harmonioso da natureza ouvia-se distintamente o **arpejo** de um piano casando-se a

uma voz de mulher, voz melodiosa, suave, apaixonada, e do timbre o mais puro e fresco que se pode imaginar.

Posto que um tanto abafado, o canto tinha uma vibração sonora, ampla e volumosa, que revelava excelente e vigorosa organização vocal. O tom velado e melancólico da cantiga parecia gemido sufocado de uma alma solitária e sofredora.

Era essa a única voz que quebrava o silêncio da vasta e tranquila vivenda. Por fora tudo parecia escutá-la em místico e profundo recolhimento.

As **coplas**, que cantava, diziam assim:

Desd'o berço respirando
Os ares da escravidão,
Como semente lançada
Em terra de maldição,
A vida passo chorando
Minha triste condição.

Os meus braços estão presos,
A ninguém posso abraçar,
Nem meus lábios, nem meus olhos
Não podem de amor falar;
Deu-me Deus um coração
Somente para penar.

Ao ar livre das campinas
Seu perfume exala a flor;
Canta a aura em liberdade
Do bosque o alado cantor;
Só para a pobre cativa
Não há canções, nem amor.

Posto que: ainda
que, embora.

E A copla é
um tipo de poema
para ser cantado.



Queixume:
lamento, suspiro.

Mavioso: suave,
harmônico.

E Festão é um tipo de decoração que fica dependurado numa corda.

E Vestíbulo é a parte da entrada de uma casa que fica antes de qualquer outro cômodo.

E Ébano é um tipo de madeira bem escura.

Tez: pele, cútis.

Despenhar:
cair, descer.

Esbater: ressaltar, destacar.

E Alabastro é um tipo de pedra bem branca.

Diáfano: transparente, translúcido.

Cala-te, pobre cativa;
Teus **queixumes** crimes são
E uma afronta esse canto,
Que exprime tua aflição.
A vida não te pertence,
Não é teu teu coração.

As notas sentidas e **maviosas** daquele cantar escapando pelas janelas abertas e ecoando ao longe em derredor dão vontade de conhecer a sereia que tão lindamente canta. Se não é sereia, somente um anjo pode cantar assim.

Subamos os degraus, que conduzem ao alpendre, todo engrinaldado de viçosos **festões** e lindas flores, que serve de **vestíbulo** ao edifício. Entremos sem cerimônia. Logo à direita do corredor encontramos aberta uma larga porta, que dá entrada à sala de recepção, vasta e luxuosamente mobiliada. Acha-se ali sozinha e sentada ao piano uma bela e nobre figura de moça. As linhas do perfil desenhavam-se distintamente entre o **ébano** da caixa do piano e as bastas madeixas ainda mais negras do que ele. São tão puras e suaves essas linhas, que fascinam os olhos, enlevam a mente e paralisam toda análise. A **tez** é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuança delicada, que não saberíeis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. O colo donoso e do mais puro lavor sustenta com graça inefável o busto maravilhosos. Os cabelos soltos e fortemente ondulados se **despenham** caracolando pelos ombros em espessos e luzidios rolos, e como franjas negras escondiam quase completamente o dorso da cadeira, a que se achava recostada. Na frente calma e lisa como mármore polido, a luz do ocaso **esbatia** um róseo e suave reflexo; di-la-íeis misteriosa lâmpada de **alabastro** guardando no seio **diáfano** o fogo celeste da inspiração. Tinha a face voltada para as janelas, e o olhar vago pairava-lhe pelo espaço.

Os encantos da gentil cantora eram ainda realçados pela singeleza, e diremos quase pobreza, do modesto trajar. Um vestido de chita ordinária azul-clara desenhava-lhe perfeitamente com encantadora simplicidade o porte esbelto

e a cintura delicada, e desdobrando-se-lhe em roda amplas ondulações parecia uma nuvem, do seio da qual se erguia a cantora como **Vênus** nascendo da espuma do mar, ou como um anjo surgindo dentre brumas vaporosas. Uma pequena cruz de **azeviche** presa ao pescoço por uma fita preta constituía o seu único ornamento.

Apenas terminado o canto a moça ficou um momento a cismar com os dedos sobre o teclado como escutando os derradeiros ecos da sua canção.

Entretanto abre-se sutilmente a cortina de **cassa** de uma das portas interiores, e uma nova personagem penetra no salão. Era também uma formosa dama ainda no viço da mocidade, bonita, bem-feita e elegante. A riqueza e o primoroso esmero do trajar, o porte altivo e senhoril, certo balanceio afetado e **langoroso** dos movimentos davam-lhe esse ar pretensioso, que acompanha toda moça bonita e rica, ainda mesmo quando está sozinha. Mas com todo esse luxo e **donaire** de grande senhora nem por isso sua grande beleza deixava de ficar algum tanto eclipsada em presença das formas puras e corretas, da nobre singeleza, e dos tão naturais e modestos **ademanes** da cantora. Todavia Malvina era linda, encantadora mesmo, e posto que vaidosa de sua formosura e alta posição, transluzia-lhe nos grandes e meigos olhos azuis toda a nativa bondade de seu coração.

Malvina aproximou-se de manso e sem ser pressentida para junto da cantora, colocando-se por detrás dela esperou que terminasse a última copla.

E Vênus é deusa do amor e da beleza na mitologia romana.

E Azeviche, ou âmbar negro, é uma pedra preta.

E Cassa é um tipo de tecido leve e transparente, de algodão ou linho.

Langoroso: lânguido, voluptuoso.

Donaire: garbo, elegância.

Ademã: gesto, trejeito.



Cousa: coisa.

– Isaura!... disse ela pousando de leve a delicada mãozinha sobre o ombro da cantora.

– Ah! é a senhora?! – respondeu Isaura voltando-se sobressaltada. – Não sabia que estava aí me escutando.

– Pois que tem isso?..., continua a cantar... tens a voz tão bonita!... mas eu antes quisera que cantasses outra **cousa**; por que é que você gosta tanto dessa cantiga tão triste, que você aprendeu não sei onde?...

– Gosto dela, porque acho-a bonita, e porque... ah! não devo falar...

– Fala, Isaura. Já não te disse que nada me deves esconder, e nada reçar de mim?...

– Porque me faz lembrar de minha mãe, que eu não conheci, coitada!... Mas se a senhora não gosta dessa cantiga, não a cantarei mais.

– Não gosto que a cantes, não, Isaura. Hão de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação, como não tiveram muitas ricas e ilustres damas que eu conheço. És formosa, e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano. Bem sabes quanto minha boa sogra antes de **expirar** te recomendava a mim e a meu marido. Hei de respeitar sempre as recomendações daquela santa mulher, e tu bem vês, sou mais tua amiga do que tua senhora. Oh! não; não cabe em tua boca essa cantiga lastimosa, que tanto gostas de cantar. Não quero – continuou em tom de branda repreensão –, não quero que a cantes mais, ouviste, Isaura?...
senão, fecho-te o meu piano.

Expirar:
morrer, falecer.

Senzala é uma palavra originária do kimbundo, língua falada na costa oeste da África, e quer dizer "povoação". No Brasil, o termo designava o lugar onde ficavam os escravizados trazidos à força para trabalhar por aqui.

– Mas, senhora, apesar de tudo isso, que sou eu mais do que uma simples escrava? Essa educação, que me deram, e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem?... são trastes de luxo colocados na **senzala** do africano. A senzala nem por isso deixa de ser o que é: uma senzala.

– Queixas-te da tua sorte, Isaura?...

– Eu não, senhora; não tenho motivo... o que quero dizer com isto é que, apesar de todos esses dotes e vantagens, que me atribuem, sei conhecer o meu lugar.

– Anda lá; já sei o que te **amofina**; a tua cantiga bem o diz. Bonita como és, não podes deixar de ter algum namorado.

– Eu, senhora!... por quem é, não pense nisso.

– Tu mesma; pois que tem isso?... não te **vexes**; pois é alguma cousa do outro mundo? Vamos já, confessa; tens um amante, e é por isso que lamentas não teres nascido livre para poder amar aquele que te agradou, e a quem caíste em graça, não é assim?...

– Perdoe-me, **sinhá** Malvina – replicou a escrava com um cândido sorriso. – Está muito enganada; estou tão longe de pensar nisso!

– Qual longe!... não me enganas, minha **rapariguinha**!... tu amas, e és **mui** linda e bem prendada para te inclinares a um escravo; só se fosse um escravo como tu és, o que duvido que haja no mundo. Uma menina como tu bem pode conquistar o amor de algum **guapo mocetão**, e eis aí a causa da chordeira de tua canção. Mas não te aflijas, minha Isaura; eu te **protesto** que amanhã mesmo terás a tua liberdade; deixa Leôncio chegar; é uma vergonha que uma rapariga como tu se veja ainda na condição de escrava.

– Deixe-se disso, senhora; eu não penso em amores e muito menos em liberdade; às vezes fico triste à toa, sem motivo nenhum...

– Não importa. Sou eu quem quero que sejas livre, e há de sê-lo.

Neste ponto a conversação foi cortada por um **tropel** de cavaleiros, que chegavam e **apeavam**-se à porta da fazenda.

Malvina e Isaura correram à janela a ver quem eram.

Amofinar: chatear; afligir.

Vexar: sentir vergonha.

As pessoas que vieram para o Brasil escravizadas falavam outras línguas e por isso buscavam se adaptar ao português. Daí, ao tentarem dizer senhora, acabavam chamando a patroa de sinhá, sá, siá, sinha e até sinhara.

Em Portugal, até hoje chamam moças de raparigas e rapazes de putos.

Mui é a forma antiga para "muito".

Traduzindo: rapaz forte (mocetão) e bonito (guapo).

Protestar: prometer; assegurar.

Tropel é um grupo de pessoas que chega fazendo barulho.

Apear: descer; desmontar.